



Ciclo sem fim: uma análise da atualização de sites noticiosos¹

Willian Vieira da SILVA²

Tales Augusto Queiroz TOMAZ³

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

Resumo

A liquidez caracterizada nos fenômenos e processos da vida humana, principalmente na época da cibercultura, faz com que as pessoas precisem se adequar a tal realidade. O jornalismo, assim como a produção industrial, foi obrigado a aprimorar suas ações para estar inserido no contexto atual. Contudo, os leitores, em muitos casos, não têm condições de acompanhar o ritmo desenfreado impulsionado pelo formato *on-line* do jornalismo. Este trabalho pretende trazer a tona uma análise da prática jornalística nos meios digitais. A partir de uma verificação do campo de visão da página inicial de três sites noticiosos representativos, de grande repercussão no estado de São Paulo – Folha.com, G1 e Estadão – o trabalho pretende verificar se sua forma de atualização de notícias realmente desfavorece o acompanhamento do leitor comum, que não dispõe de tempo hábil para estar conectado a estes conteúdos.

Palavras-chave: jornalismo, internet, velocidade, tecnologia, informação.

Introdução

No contexto de vida atual, os meios de comunicação possuem grande força pelo fato de produzirem informações de forma muito mais intensa do que em períodos ou épocas anteriores. E nesse momento, as mídias tradicionais – impressa, radiofônica e televisiva – têm uma aliada fortíssima nessa produção: a mídia digital, ou interativa. É por meio dela que, de forma instantânea, sabe-se o que está ocorrendo em qualquer lugar do mundo. É pela sua forma de cobertura que as conversas de muitas pessoas são agendadas e ainda, por essa característica, que informações não param de ser produzidas e veiculadas em sites de notícias, no ciberespaço.

Diante desse panorama, este trabalho propõe uma análise da atualização de sites jornalísticos que fazem cobertura de fatos e eventos em tempo real, na intenção de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo do UNASP Engenheiro Coelho, e-mail: will.unasp.c2@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do UNASP Engenheiro Coelho, e-mail: tales.tomaz@unasp.edu.br



avaliar se tal frequência favorece o acompanhamento dos leitores comuns, que não dispõem de tempo hábil para tal ação.

A escolha dos veículos on-line G1, Folha.com e Estadão ocorreu por conta de serem três dos principais sites noticiosos de grande repercussão no estado de São Paulo. Na pesquisa, os sites se caracterizam como veículos representativos. O fato de serem três – e nem mais, ou menos que isso – se justifica como sendo um recorte da vasta disponibilidade de fontes de notícias a favor do leitor, na busca da obtenção, verificação ou confirmação sobre detalhes de um fato.

A relevância do tema surge a partir do fato de que a vida humana foi e têm sido afetada pelo advento das tecnologias de conexão em rede – especificamente pelo encurtamento do espaço e do tempo, implicando em uma forma diferente de atuação do jornalista e, conseqüentemente, do leitor. Outro motivo que reforça a importância do tema abordado é o fato da cobertura noticiosa em tempo real ser referência no caso do leitor querer saber o que acontece ao seu redor, mesmo que, determinados fatos e eventos ocorram bem distante de sua realidade, mas que, acabam se fazendo próximos, através dos meios infotecnológicos.

A hipótese levantada, baseada em experiência pessoal, é de que não é possível acompanhar o ritmo de atualização dos sites jornalísticos *on-line*, já que esses usufruem de uma postagem, quase que, desenfreada, de novos conteúdos, tornando fatos e eventos, obsoletos e descartáveis, rapidamente.

Um dos objetivos, já citado, é tentar compreender se o processo de atualização mantido pelos portais noticiosos favorece o acompanhamento do leitor comum. Outro objetivo é relacionar o fenômeno glocal – que une em um só vocábulo os termos global e local – com a busca do leitor por novas informações, de forma constante, na tentativa de conhecer a realidade do mundo que o cerca.

A pesquisa terá como base teórica autores que lidam com ideias de pós-modernismo, velocidade, cibercultura e jornalismo digital. Para lidar com o conceito de pós-modernismo, Zygmunt Bauman (2005); para velocidade, Eugênio Trivinho (2007), Edilson Cazaloto (2007) e Ciro Marcondes Filho (2005); para o conceito de cibercultura, Pierry Lévy (2000) e André Lemos (2003). Na intenção de explorar conceitos mais relacionados à prática do jornalista na web, serão citados os autores Felipe Pena (2005) e Pollyana Ferrari (2003).



O método de análise se deu a partir do acompanhamento diário da atualização da *Home* dos três sites representativos, dentro de um período de duas horas, com observações a cada trinta minutos. Contudo, foi considerado apenas o campo de visão da página inicial dos sites – aquilo que é visto primariamente quando o site é aberto, sem precisar mover a barra de rolagem –, por ser o local onde o processo de atualização ocorre com mais frequência. O período de acompanhamento foi de quatro dias, ocorrendo entre 14h30 e 16h30.

Pós-Modernismo: época de mudanças e incertezas

A falência dos metarrelatos ou a descrença nas utopias, advindas das gerações anteriores, é uma característica marcante da sociedade atual. Não há pensamentos ou ideologias dominantes, sejam estes, de natureza política, econômica, religiosa, etc. Bauman expressa esse momento como sendo a época da “vida líquida”, pelo simples fato de que tal elemento não se prende a nenhum outro, e se adapta rapidamente ao contexto vigente, mesmo se este sofrer grandes transformações (BAUMAN, 2005, p.7).

Em decorrência do fato de que a realidade não permanece muito tempo na mesma condição, a vida líquida é marcada por uma série de incertezas e mudanças. Se a modernidade também é líquida, vive-se um momento de pura instabilidade. A preocupação máxima daquele que vive diante desse contexto é de não conseguir acompanhar o fluxo dessas modificações (BAUMAN, 2005). É preciso estar atento àquilo que ocorre ao redor, para não acabar sendo excluído da situação. Não se pode dormir no ponto. É preciso correr, e não apenas isso, mas acelerar o ritmo cada vez mais. Uma vida líquida se faz por meio do movimento, da agitação. O ser humano é afetado diariamente por essa lógica.

Velocidade, violência e cibercultura

Mas a velocidade só seria elevada bruscamente no contexto da produção industrial – com bases no taylorismo e fordismo (CAZELOTO, 2007, p.168-169). Uma vasta quantidade de produtos começou a ser produzida em um tempo mínimo. Inicialmente, a velocidade seria uma característica exclusiva da produtividade, mas logo se transferiria para outros âmbitos da vida humana. Na pós-modernidade, as relações



sociais e de trabalho se tornaram fracas e facilmente descartáveis, ou seja, passíveis de substituição veloz e contínua, dependendo dos interesses e necessidades.

A cultura mediática impulsionaria bruscamente o contexto de mudança e incerteza. O marco que dá início a essa lógica na mídia é o surgimento da TV, nos anos 50, com a possibilidade do *live*, ou cobertura de eventos e fatos em tempo real.

Posteriormente, nos anos 70, isso seria potencializado pela criação da internet. Como já é conhecida, sua criação está intimamente ligada ao contexto de guerra, já que seu objetivo era transmitir dados confidenciais a determinadas distâncias.

Para uma melhor compreensão do assunto, é de grande valia ressaltar que o conceito de velocidade, ou mais especificamente, de dromocracia, foi usado, pela primeira vez por na obra *Vitesse e Politique*, de Paul Virilio. *Dromos* significa “rapidez” e está atrelado ao encurtamento de distâncias e conquista de novos territórios, por razões bélicas. “Fundamentalmente, velocidade e guerra são faces do mesmo processo” (TRIVINHO, 2007, p.46).

Mas a característica que radicalizaria todos os problemas da aceleração da vida humana seria o advento das tecnologias, especificamente àquelas que possuem conexão com a rede global. Nesse período, os meios infotecnológicos, onde se faz possível o acesso aos conteúdos de internet que conhecemos, dominam o panorama vigente.

Cria-se, então, uma cultura tecnológica, denominada por teóricos da comunicação como cibercultura (LEMONS, 2003, p.11; LÉVY, 2000, p.17). Há ainda quem defenda que a hegemonia dos meios tecnológicos de conexão em rede é tão impactante que o termo deve ser encarado como sendo, não apenas uma cultura, e sim, um período específico da sociedade, iniciado em 1970 e que segue até o presente momento (TRIVINHO, 2007, p. 67).

A cibercultura traz consigo inúmeras possibilidades que estão intimamente ligadas ao regime da velocidade, ou dromocracia, como por exemplo, a interatividade e a reconfiguração do espaço e do tempo.

Mas se engana aquele que entende que velocidade e violência só estavam ligadas a seu contexto histórico inicial. Marcondes (2005) enxerga que o panorama atual é marcado por uma disputa acirrada, onde os menos capacitados precisarão se conformar com sua condição.

[...] o desaparecimento da utopia política deixou um exército de insatisfeitos no planeta, um gigantesco contingente largado a sua própria sorte. Ou entra-se no sistema de concorrência, competição, produtividade, desempenho, eficácia, com



eliminação selvagem do outro, violência embutida nas organizações, nas relações de trabalho, até mesmo nos contatos pessoais íntimos, ou toma-se o caminho da resignação. (MARCONDES, 2005, p.104)

A partir do momento em que a velocidade se torna um imperativo social – fazendo com que tudo e todos precisem se adequar a esse sistema –, sua ação torna-se violência, ainda que esta se realize de forma simbólica.

Trivinho (2007) lembra que tal exigência cibercultural, na qual o ser humano precisa lidar por meio da aquisição de meios infotecnológicos, bem como entender as suas linguagens, e atualizar-se constantemente com eles – e por meio deles –, é outra forma de violência.

A condição dromocrática da cibercultura exige que a violência *high tech* seja introjetada e “atuada”: a dromoaptidão em relação às senhas infotécnicas de acesso (ao mercado de trabalho, ao *cyberspace*, ao lazer digital, à alteridade virtual etc.) deve se converter em *habitus* (cf Bourdieu, 1982;1983;2002), modo de ser, de estar, de agir diuturnamente reconfirmado até a simbiose imaginária e o acoplamento corporal com o vetor implicado consolidarem o automatismo subjetivo e prático requerido. (TRIVINHO, 2007, p.75)

Glocal: um fenômeno tecnológico

Quando essa exigência é respondida de forma massiva e se torna automática, cria-se um novo fenômeno no contexto da cibercultura: o glocal – vocábulo que une os termos global e local. Foi dito pela primeira vez por Paul Virilio, em ciências humanas. “Glocal se dá por uma troca simultânea em tempo real entre emissão e recepção” (TRIVINHO, 2007, p.244). É uma espécie de acoplamento entre ser humano e máquina, onde há um fluxo de imagens, sons, ícones, etc. O fenômeno se inicia com as redes de telefonia, mas é percebido com mais ênfase no contexto da cibercultura.

É por meio do glocal que entendemos que a vida humana atual se divide não mais em uma única realidade, e sim, em duas: a presencial e a virtual. Contudo, a realidade virtual se torna mais relevante, pois é nela que ocorre a reconfiguração do espaço e do tempo, que são encurtados ao máximo, e assim, os esforços para transcorrer tais distâncias são eliminados.

Um equipamento tecnológico conectado a rede, seja ele portátil ou não, pode trazer inúmeras informações de várias partes do mundo de forma instantânea e constante. O espectador pode tentar conhecer a realidade que o cerca mais rapidamente, através de um meio infotecnológico, sem sair do lugar físico, mas ir a qualquer lugar virtualmente, diante de uma tela, e ainda com a prerrogativa ilusória de que não sofrerá nenhum tipo de dano; pelo contrário, a vida será facilitada por estes meios (TRIVINHO,



2007, p. 248-249). Tal ilusão se faz na intenção de potencializar o consumo dos meios infotecnológicos, de seus sistemas operacionais, de *softwares* e *hardwares* e de suas tendências. Enquanto isso ocorre, a ilusão da democratização e autonomia é difundida. Mas há de se lembrar que não são todos que possuem condições, sejam elas, financeiras, cognitivas e de tempo para acompanhar o ritmo desenfreado deste ideal.

Jornalismo *on-line*: um vetor de dromocracia e glocalização

Independente de a situação ser positiva ou negativa, uma coisa é certa: a aceleração da vida humana e o fenômeno glocal já estão mais que inseridos no cotidiano das pessoas. Para aqueles que acompanham notícias, em tempo real, no ciberespaço, isso se torna mais prático e compreensível. O jornalismo denominado *on-line* é uma das formas – e não a única – pela qual há uma relação entre emissor e receptor, ou homem e máquina, com apenas alguns poucos cliques. (PENA, 2005, p.176)

Na intenção de apreender aquilo que lhe é imposto como sendo a realidade do mundo, o leitor busca acompanhar o noticiário – agora não mais restrito a espera e nem à passividade. Os veículos de notícias da internet cumprem o papel de aproximar o espectador dos fatos, ainda que os mesmos estejam do outro lado do mundo. A velocidade com que isso ocorre, e ao mesmo tempo, com que novos fatos surjam e em seguida, desapareçam, é impressionante.

É, inclusive, por meio do acompanhamento desses sites que a teoria do agendamento, ou *agenda setting* – termo, esse, já comum nos estudos em comunicação – se torna visível. Parte das conversas das pessoas é pautada por aquilo que a mídia apresenta em sua cobertura diária. Deixar de acompanhar o noticiário pode significar estar, ao menos, parcialmente afastado da interação presencial de indivíduos, seja no ambiente de trabalho, de estudo e até, por que não dizer, de lazer.

Tudo isso se dá por que o jornalismo se adequou a lógica da dromocracia, ou rapidez, a partir da criação das mídias digitais. Ferrari (2003) explica que a geração atual é formada por indivíduos que passaram pela infância, e/ou adolescência ligados a algum tipo de meio eletrônico, e que é justamente este público que as mídias digitais acabam por alcançar.

A mídia digital, nascida graças aos avanços tecnológicos e à solidificação da era da informação, consegue atingir o indivíduo digital – um único ser com suas preferências editoriais e vontades consumistas, um cidadão que cresceu jogando videogame e interagindo com o mundo eletrônico. Os jovens entre 18



a 25 anos são hoje os potenciais consumidores da nova mídia interativa. São eles que se sentem atraídos por um amplo leque de recursos que vão desde compras on-line, home-banking, jogos, entretenimento, até um acesso direto às oportunidades de pesquisa e educação à distância. (FERRARI, 2003, p.53)

As possibilidades criadas pelas mídias digitais contribuem fortemente para que o leitor possa desempenhar um papel relativamente mais autônomo, em relação às mídias tradicionais. Nesse panorama, o frequentador assíduo de sites de informação pode escolher facilmente e velozmente, um ou mais veículos específicos diante de uma vasta gama de opções disponíveis, no ciberespaço.

Exemplos práticos: Folha.com, G1 e Estadão

Pensando nessa realidade, foi necessário analisar mais de um único veículo online de notícias para que este trabalho tivesse um alinhamento mais próximo daquilo que o leitor pode realizar. Três dos principais sites de notícias do estado de São Paulo foram analisados dentro do contexto da democracia cibercultural e do fenômeno glocal, para avaliar se, de fato, o leitor é desfavorecido pelo processo de cobertura.

A análise se deu por meio da página inicial de cada um dos portais. Contudo, a pesquisa se limitou às manchetes que estão localizadas no campo de visão da tela de um computador, ao abrir qualquer um dos sites. O *slideshow* e a Última Hora também não estão na análise, pois preferiu-se analisar aquilo que está em comum nos três portais: as manchetes sobre os principais temas do momento em que o site foi acessado. O período em que os portais foram acessados se deu entre os dias 02/11/2010 e 05/11/2010, entre 14h30 à 16h30 da tarde, com visualizações a cada 30 minutos. Apesar de, definitivamente, não ser um período dos mais extensos, já foi possível identificar características dos conceitos apresentados nas primeiras partes desse trabalho, por meio deste recorte da realidade.

Muitas coisas poderiam ser analisadas no que se refere ao conteúdo da página inicial dos portais determinados, e por conta disso, foi realizada uma seleção de critérios que são válidos na medida em que todos têm relação direta com o tema apresentado e podem ser desenvolvidos neste curto espaço. São eles:

- Quantidade de manchetes, bem como a variação do seu número.
- Quantidade de matérias ou links com desdobramentos sobre o tema.



- Número de manchetes tratando de assuntos ou questões internacionais, caracterizando fortemente o fenômeno glocal e a aproximação trazida pelas tecnologias de rede.

Quaisquer análises que tentem medir, com exatidão, o processo de atualização dos portais, não conseguirão alcançar tal propósito, justamente pelo imperativo contido no modelo mediático. A instabilidade está fortemente presente nos meios digitais por conta da compressão do espaço e do tempo, ou seja, as mudanças vão continuar ocorrendo em períodos indeterminados. Querendo ou não, este é um ponto positivo para a compreensão dos conceitos já descritos nos primeiros capítulos deste trabalho, bem como nas conclusões que ainda estão por vir. Ainda assim, a análise destes meios pode ser feita na simples intenção de se obter uma média aproximada daquilo que ocorre na atualização destes sistemas mediáticos para entendê-los um pouco mais e, assim, se relacionar melhor com eles.

Manchetes

No que se diz respeito à quantidade de manchetes, é possível visualizar um certo número delas que ocupam o campo de visão da página inicial do veículo. A manchete principal é sempre a maior, e em alguns casos, a que possui a imagem de maior resolução. Conforme as atualizações vão sendo incorporadas na *Home Page* do site, muda-se o posicionamento, apenas, ou ainda, retiram-se aquelas que são menos relevantes no momento, sendo possível encontrá-las por meio de mecanismos de buscas interno (do próprio site) ou externo (como Google, Bing, Cadê?).

Na Folha.com, é possível visualizar de seis a oito manchetes, no campo de visão da página inicial do site. A manchete de destaque principal fica posicionada do lado direito, logo abaixo dos menus com as editorias. O modelo estrutural da *Home Page* da Folha.com concentra a maior parte de suas imagens no *slideshow*.

O site G1 possui entre seis e sete manchetes no campo de visão de sua página inicial, sendo que, normalmente, uma é a principal, caracterizada pelo tamanho da fonte e localização – em cima e a esquerda do monitor. Seu sistema é altamente variável, o que faz com que seu modelo estrutural não tenha um padrão precisamente fixo, seja este no posicionamento das manchetes, e inclusive nos links de desdobramentos e uso de imagens.



Já o site Estadão possui certo padrão nestes quesitos. Normalmente, seis a oito manchetes estão em destaque, e assim como os outros dois sites, uma manchete, apenas, se diferencia como principal.

Pelo menos três a quatro mudanças aconteceram nos portais, durante cada dia, dentro do período de visualização – seja ela apenas estrutural ou noticiosa.

Desdobramentos ou “empilhamento”

Uma das características que mais se identificam com a estrutura de atualização dos sites noticiosos da internet seja o desdobramento dos assuntos já veiculados por meio de um "empilhamento" de novas informações, de acordo com o seu surgimento, em tempo real, ou ao menos, com a expansão dos assuntos por meio de arquivos de áudio, vídeo e infográficos. Ferrari (2003) afirma que este modelo de atualização acaba por ser um dos males do jornalismo realizado nos meios digitais, não só pela sua estrutura, apenas, mas também pela saturação da informação.

O empilhamento de informações é um dos grandes problemas dos sites noticiosos no Brasil. Num esforço para parecer o mais atual possível, os veículos quebram as matérias e, frequentemente, colocam o último desdobramento de uma história no topo. E as próximas informações virão em notas abaixo dessa. Só faz sentido para o jornalista que está acompanhando o caso, pois o leitor, como mostram as pesquisas – normalmente visita uma vez por dia um site noticioso, o que faz com que a cobertura pareça um tanto enlouquecida. (FERRARI, 2003, p.50)

Pelo menos três matérias da Folha.com se valem do artifício do desdobramento ou da fragmentação de informações em sua atualização, sendo que cada uma possui um ou dois títulos indicando tais desdobramentos, contendo matérias, áudios ou vídeos.

No G1, o número de matérias que se valem deste artifício é de cerca de quatro a cinco, sendo que cada uma dessas, possuem um ou dois links com desdobramentos e expansões.

Mas os maiores números deste elemento ficam por conta do site do Estadão. Das matérias disponíveis no campo de visão, prioritariamente aquelas que estão do lado esquerdo do site, têm certa variação, no entanto, há matérias que chegam a possuir de cinco a nove links com desdobramentos do assunto.



Assuntos internacionais

Com a possibilidade do tempo real, a cobertura de assuntos de âmbito internacional nos veículos de comunicação, se tornou muito mais fácil – principalmente os que usam plataformas digitais, o que denota claramente a presença do fenômeno glocal.

Talvez seja importante ressaltar que a cobertura realizada pelos veículos on-line Folha.com e G1 dão mais destaque a notícias relacionadas a acontecimentos de outros países do que àquela feita pelo site Estadão. No primeiro, há de duas a quatro notícias internacionais. No segundo, há de três a cinco notícias, enquanto que no terceiro, há apenas, em média, de duas a três notícias sobre temas internacionais.

Considerações finais

Diante dessa análise, é possível notar de maneira prática e clara, que a velocidade da informação – que suscita seu próprio excesso – é o primeiro dos males presentes no jornalismo *on-line*. A instabilidade na atualização dos portais denuncia que seu processo de atualização não está focado na reflexão, e sim, na busca por novos acessos, de forma contínua. Manter-se informado daquilo que é apresentado como realidade, torna-se, cada vez mais, uma ilusão inalcançável, difundida pelos veículos de comunicação, presentes nos meios digitais. Para que tal ato se tornasse possível, seria preciso que as manchetes de portais como Folha.com, G1 e Estadão, permanecessem mais tempo nas *Home Page's*, e o empilhamento deixasse de existir para dar lugar a outra forma de atualização. Mas é evidente que iludir-se com uma possível reversão do processo vigente é uma grande utopia. Tais estudos só fazem sentido para que a relação das pessoas com estes meios se torne mais consciente.

O segundo ponto revelado pela análise é sobre o tipo de informação que é, normalmente, priorizada por estes meios: as notícias internacionais. Afinal, por que o leitor deve se importar com fatos que estão ocorrendo do outro lado do mundo – veiculados pelos meios devido ao encurtamento de distâncias – se isso não faz parte de sua realidade diária? Até onde tal aproximação de conteúdos “globais” se faz relevante para o ser humano, que é “lento e local”? (CAZELOTO, 2007, p. 175). É por conta da relação cotidiana do homem com a informática que emerge a compressão do espaço e



do tempo – acoplada a uma exigência de adaptação. “Nada resta a ele (humano), senão, tentar acompanhar o ritmo, ou pelo menos, ser mais rápido que o vizinho”.

Em suma, o modelo dromocrático e glocalizante pelo qual o jornalismo *on-line* como é caracterizado – que o torna um vetor destes conceitos – não favorece o acompanhamento e nem mesmo a reflexão e apreensão de conteúdos, por meio das notícias. No entanto, essa forma de se fazer jornalismo apenas reflete o momento atual da sociedade pós-moderna e informatizada em seu cotidiano.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAZELOTO, Edilson. A velocidade necessária. In: FERRARI, Pollyana (Org). *Hipertexto, Hipermídia: As novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2007

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2003.

LEMOS, André. *Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época*. In: CUNHA, Paulo; LEMOS, André (Orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierry. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 2000.

MARCONDES, Ciro. *Perca Tempo. É no lento que a vida acontece*. São Paulo: Paulus, 2005.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto. 2005.

TRIVINHO, Eugênio. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. São Paulo: Paulus, 2007.